

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

~ 87, Rua do Norte, 103

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Evaristo Lambertini — Joseph White —
Notas vagas — Conservatorio Real de Lisboa — Ale-
xandre Ferreira — Concertos — Theatro de S. Carlos
— Noticiario — Bibliographia — Necrologia.

EVARISTO LAMBERTINI

Foi Deus servido levar da vida presente o respeitavel e sympathico ancião Evaristo Lambertini.

O director d'este jornal perdeu o seu maior e primeiro amigo, o seu mais sincero e prudente conselheiro.

A consolação de saber que outros, e não poucos, lhe restam, se pode servir de lenitivo a tamanha dor, não pode reparar tão grande perda.

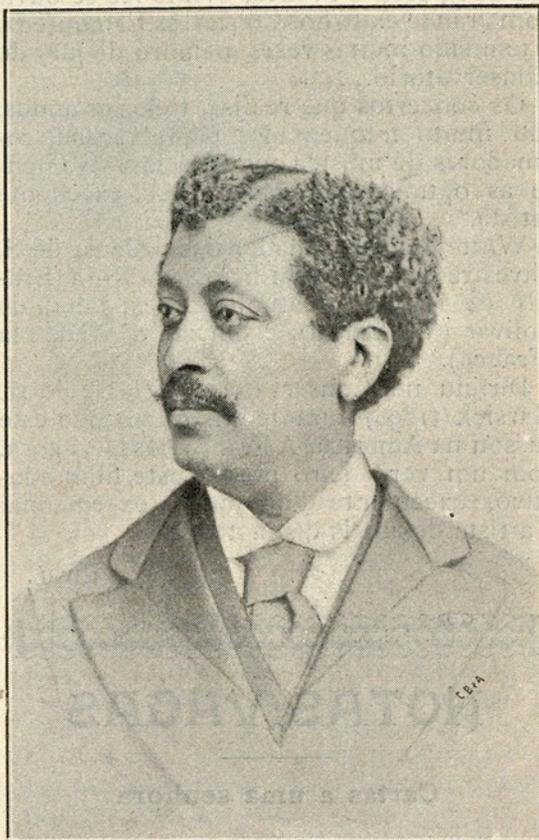
A dor de um filho que ficou sem o pae estremecido só poderá avalial-a por completo quem sentir ainda a dôr de outra ferida semelhante.

Evaristo Lambertini, apoz rapido mas cruel soffrimento, adormeceu tranquillamente no somno eterno.

Os seus ultimos momentos foram a synthese de toda a sua vida: trabalho activissimo; luctas ingentes; dores profundissimas; por fim o socego da consciencia dando paz ao espirito.

Que Michel'angelo e toda a sua desolada familia, recebendo com as nossas condolenças profundamente sentidas o testemunho da mais sincera amisade, encontrem n'esse testemunho um balsamo que seja allivio para á sua immensa dôr.

A REDACÇÃO.



JOSÉ WHITE

Este eminente violinista nasceu em Matanzas (ilha de Cuba); seu pae era francez e enviou-o muito novo para Paris para fazer os seus estudos musicaes.

Admittido no Conservatorio, ahi se distinguuiu obtendo o primeiro premio de violino e foi logo classificado entre os primeiros *virtuosi* contemporaneos.

Durante 12 annos White fez parte da *Sociedade dos Concertos* onde foi muitas vezes applaudido como solista; depois dirigiu diversas sociedades musicaes entre outras a *Sociedade Schumann*, a primeira que deu em Paris as obras d'este mestre, de Brahms, de Raff e de Saint-Saens. Por essa epoca

substituiu no Conservatorio, Alard, seu antigo professor.

White deixou momentaneamente a França para viajar em 1875, obtendo notavel exito nos Estados-Unidos, em Nova York, em Philadelphia, e em Boston; em seguida voltou ao nosso continente e partiu novamente em 1877 para a America do Sul.

Bastante apreciado no Rio de Janeiro, foi professor de acompanhamento de Sua Alteza a princeza imperial, e occupou-se da educação musical dos principes.

De regresso á Franca, White fez-se ouvir com grande exito nos Concertos Lamoureux, e tem sido muitas vezes membro do jury do Conservatorio.

Os concertos que realisa, todos os annos, são muito frequentados pelos verdadeiros amadores de musica que apreciam vivamente as optimas qualidades d'este excellente artista.

White é commendador das ordens: de S. Silvestre (estados pontificios), da Rosa (Brasil), de Isabel a Catholica (Hespanha), de Bolivar (Venezuela), e official d'Academia (França).

Dirigiu no Conservatorio a classe do sr. Marsick (1896) durante seis mezes que este passou na America. A França possui, agora, com um verdadeiro prazer, este filho adoptivo, executante d'um merito excepcional e artista dos mais distinctos.

EDSIL.



NOTAS VAGAS

Cartas a uma senhora

XXI

De Lisboa

A que deliciosa e acariciadora luz lhe estou escrevendo, minha senhora!

Passa, é certo, pelo ar um arrepio brusco de frio cortante, e aspero e em quantos lares, grande Deus, não estarão a esta mesma hora, centenas ou milhares de seres soffrendo as as crispções da miseria e da fome, mais custosas de supportar quando o ambiente é rude e o sol não aquece; mas, quando penso no que serão agora esses paizes pardos, onde os dias lembram apenas aattenuação das noites, e de cujos ceus inclementes escorre sem descançar uma humidade gelida e uma tristeza immensa, julgo que não podemos exibir-nos a bemdizer a Natureza amiga, que aqui nospermittiu nascer.

*

O que de modo algum significa que pela minha parte, por exemplo, tristezas de outra especie não me invadam a alma...

Assim, quando attento no que n'este momento estamos todos nós, os filhos d'esta terra que Camões cantou, soffrendo por essa Europa fóra, em virtude das habilidades dos politicos e da pequenez dos cerebros, que quer V. Ex.^a que seja senão melancolia o que cá dentro sinto?

Quando ouço essa gloriosa Duse que ha apenas dois ou tres annos me dava o calafrio intenso, que é o divino segredo d'essas mysteriosas organizações de idealidade e de sonho que o Genio concebe e que a Poesia sagra, e a contemplo hoje exposta ás criticas acerbas e ás ironias pungentes de um publico que assiste á sua agonia de artista, representando com 39 graus de febre, que posso ter senão magoas?

E se ao ouvir esse absolutamente primoroso concerto de musica de camara, que um d'estes ultimos domingos se realisou no conservatorio, vejo que artistas como Severo da Silva, arrancando ao clarinete sons d'uma suavidade unica, como Manuel Tavares fazendo da trompa um instrumento veludino e doce, ou como João Manuel recordando no fagote, mercê da assombrosa nitidez e da suprema arte da sua execução, essa impressiva e nobrefigura do pobre Neuparth, teem talvez de lutar dia a dia com as asperezas da existencia e de tolerar calados injustiças sem numero e infortunios sem conta, ao passo que tantos inuteis ou o que é peor, tantos nocivos, para ahi estadeiam a sua insignificancia ou a sua perversidade, que cousa diversa d'um grande negrume poderá toldar-me a mente?

*

Mas já o philosopho disse que a vida é a historia natural da Dor; que remedio, pois senão irmo-nos todos affazendo a uma para criur a outra?

Como quer que seja, o espirito tem de quando em quando estes colapsos fundos em que se sente impotente para reagir e desanimado para lutar, pelo que o ceu nos perserve a todos d'esses instantes torvos em que não é precisamente o amor que nos inunda o peito e nos illumina os olhos...

Sómente, por uma extranha mas bemfazeja coincidencia do Destino, quasi sempre proximo de nós adeja ou um bom anjo ou uma risonha idéa, e então pouco a pouco voltamos a essa tal ou qual lucidez que nos torna o mundo menos escuro e o horisonte mais transparente.

Agora, por exemplo, é o Natal que chega:

o Natal com a sua tradição amoravel e santa, com o seu perfume insinuante e são, com as suas alegrias enternecedoras e fecundas...

A V. Ex.^a que pendurou o seu ninho n'uma arvore distante, eu o desejo rescendente de luz e de festa; e, sentindo-me solidario com os meus irmãos em carne e em espirito, não me era licito separal-os em tão suggestiva data dos votos cordiaes que aqui deixo formulados e que a elles estendo.

Esta é tambem a fórmula de attenuar, diluindo-a em sol, a angustia viva que n'este momento alanceará, por motivos varios, o pobre coração despedaçado de inumeros infelizes, que fragil barro de uma ainda mais fragil essencia, constantemente merecem toda a nossa piedade e reclamam toda a nossa commiserção...

AFFONSO VARGAS.

Instrumentos de palheta	3
Instrumentos de metal.....	2
Lingua italiana.....	5

o que representa uma totalidade de 426 matriculas.

GALERIA DOS NOSSOS

Alexandre Ferreira



Da antiga e excellente orchestra portugueza que o theatro de S. Carlos possuia, já poucos artistas ali se veem. Uns, fatigados do enorme trabalho que actualmente lhes é imposto, teem-se disseminado e outros levou-os a foice do tempo.

Os soldados da velha guarda morrem uns e

rendem-se outros.

D'estes destaca-se Alexandre Ferreira, o seguro violinista de orchestra que durante muitos annos ali teve honroso logar entre os primeiros, ao lado de Mazoni, Freitas, Carrero, Soromenho e tantos que já lá vão.

Não só executante habil, mas tambem professor paciente, substituiu o trabalho do theatro pelo do ensino; se materialmente não perdeu na troca, os pequenos aspirantes a violinistas e suas familias ganharam em ter mestre tão competente como serio no desempenho dos seus deveres.

Fux.

CONCERTOS

Teve um exito alem de toda a expectativa a matinée musical que um grupo de artistas e amadores realisou no dia 2 no elegante Salão do Conservatorio

As tres obras de musica de camara que se executaram com instrumentos de sopro e piano, quasi uma novidade em Portugal, mantiveram em constante interesse o selecto publico que enchia litteralmente o Salão agitando-o mesmo por vezes em impetuo do mais espontaneo enthusiasmo.



CONSERVATORIO REAL DE LISBOA

Conforme promettemos, vamos dar a lista dos alumnos matriculados este anno lectivo nas diferente aulas d'este estabelecimento musical:

Rudimentos.....	1.º anno —	44
»	2.º » —	43
Harmonia.....	1.º » —	31
»	2.º » —	20
»	3.º » —	8
Contraponto.....	1.º » —	2
»	2.º » —	1
»	3.º » —	1
»	4.º » —	1
Solfejo cantado.....	1.º » —	4
Canto.....	1.º » —	7
»	2.º » —	7
»	3.º » —	2
»	4.º » —	1
» Curso superior.....	2.º » —	2
Piano.....	1.º » —	77
»	2.º » —	32
»	3.º » —	34
»	4.º » —	17
»	5.º » —	19
» Curso superior.....	1.º » —	7
»	2.º » —	3
»	3.º » —	10
Rebeca.....	1.º » —	22
»	2.º » —	4
»	3.º » —	7
»	4.º » —	1
»	6.º » —	1
Violoncello e Contrabaixo.....		8
Flauta.....		1

Se bem que a personalidade do director d'este jornal tivesse uma parte muito activa na organisação e no desempenho d'este concerto e sejamos portanto forçados a calar considerações que directa ou indirectamente o atinjam, nada impede que alludamos aos trechos em que os outros executantes se salientaram por uma forma brilhante, grangeando uma unanimidade de applausos verdadeiramente lisongeira.

Assim, seguindo a ordem do programma, apontaremos primeiro que tudo o magistral *Andante* do Quintetto de Beethoven, op. 16, cujo solo do oboé foi sobria e correctamente desempenhado por Arthur da Fonseca, seguindo-se-lhe a phrase de fagote, em que João Manoel conseguiu arrancar um bravo unanime de todas as bocas, pela nobreza e sentimento com que a disse. As duas phrases da trompa, que pouco depois se ouvem, foram um justissimo successo para Manoel Tavares, cujo som pastoso e expressivo fizeram o encanto do auditorio.

Este *Andante* foi a nosso vêr um dos trechos mais bem *réussis* de todo o programma, crescendo que se poderam n'elle evidenciar de uma forma notavel tres artistas portuguezes do mais alto valor, o que para uma grande parte do auditorio foi uma inesperada revelação.

Bom é que n'estas tentativas de tão grande alcance artistico se vá provando que tambem temos entre nós artistas de excepcional merecimento que nem sempre sabemos aproveitar e nem sempre queremos respeitar, tal é a cegueira inconsciente por tudo o que nos venha lá de fóra, com sello mais ou menos authenticico de celebridade.

No *Caprice* de Saint-Saëns temos que felicitar a José Henrique dos Santos, por varios passos de flauta de grande difficuldade, que tocou como mestre que é. E tambem merece registro o solo de character agreste que o oboé detalhou artisticamente, respondendo-lhe o mavioso clarinette de Severo da Silva, n'uma cariciosa phrase que o publico sublinhou com mal reprimidos bravos.

No admiravel *Larghetto* do Sextetto de Thuille, novo successo para a trompa na phrase inicial, seguindo todos os outros instrumentos, com grande elevação e sentimento a interpretação d'esta pagina genial, que não hesitamos em classificar como um dos melhores trabalhos que conhecemos na musica de camara moderna. Apoz o o *Larghetto*, vem uma encantadora *Gavotte*, cujo motivo principal é apontado primeiro pelo oboé, depois pelo fagote e mais tarde pelo piano; foi um verdadeiro successo

d'ensemble, sendo preciso repetil-a para satisfazer as instancias do auditorio.

E tambem como obra d'ensemble veiu o *Final*, n'um animado e original seis por oito, dar a nota energica de que se carecia para fechar brilhantemente esta notavel audição.

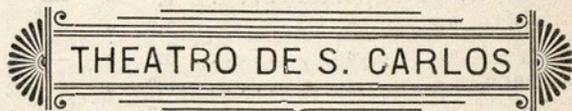
Ao passo que felicitamos, pelo triumpho obtido, os notaveis artistas (amador e profissionais) que collaboraram com o nosso director n'esta notavel consagração artistica, cumpre-nos tambem agradecer aos nossos respeitaveis collegas do Seculo, Diario de Noticias, Jornal do Commercio, Vanguarda, Folha da Tarde, Dia, Tempo, Popular e Tarde, as palavras altamente lisonjeiras que quizeram dispensar a este concerto.

*

Dos concertos realizados nos dias 8 e 9, pouco podemos dizer porque a grande desgraça que inesperadamente feriu quem tencionava occupar-se d'elles impediu que o fizesse, dando-se outras circunstancias que impediram a sua substituição.

No emtanto constatemos que todos os jornaes são unanimes em registrar o exito d'essas duas festas musicaes. Napoleão Vellani, o conceituado professor, viu mais uma vez coroado os seus esforços nos applausos que seus discipulos receberam. A Sociedade Artistica de Concertos de Canto, proseguindo na sua tão meritoria obra, apresentou a um numerosissimo e escolhido auditorio alguns trechos de grande musica, amorosamente estudados e ouvidos com o maior interesse. Palestrina, Bach, Pergolese e Mozart, tiveram interpretes dignos e auditorio que os apreciasse. Rey Colaço e D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso amenisaram a rigidez dos velhos mestres com as exuberantes harmonias de Schumann.

Deve registrar-se o apparecimento de uma nova estrella na constellação das nossas cantoras: D. Leonor Marques da Costa, que dizem ter cantado o *Ave Verum*, com vos suavissima, afinação pura e excellente methodo.



Approxima-se a abertura de S. Carlos e promete-nos a empresa a audição de duas operas, novas para nós: *Iris* e *Tosca*. Principiaremos hoje por apresentar aos nossos leitores o resumo dos respectivos librettos.

A respeito das partituras falaremos no proximo numero. A

Iris

é um melodrama em 3 actos, versos de Luigi Illica e musica de Pietro Mascagni, maestro compositor da muito nossa conhecida *Cavalleria Rusticana*.

O drama passa-se no Japão. Os principaes personagens são: *Iris*, uma *mousmè*, uma rapariga do povo, uma ingenua adolescente, extremosa pela sua boneca; o *Cego*, pae de *Iris*; *Osaka*, um rico libertino; *Kyoto*, seu cumplice e negociante de donzellas.

No 1.º acto a scena representa a casa de habitação de *Iris* e do pae, com o seu pequeno jardim, abrindo para a estrada que conduz á cidade proxima; um denso canaveal; um riachosito, que corre occulto entre bambus; ao fundo, o monte Fousiyama com a sua corôa de neve.

Quando o panno sobe ainda é noite fechada e é preciso que a sala de espectáculo esteja completamente ás escuras para poder ser desenhada uma das principaes bellezas da opera: a gradação de luz e todos os seus effeitos phantasticos sobre a paisagem, desde os primeiros alvares da madrugada até ao sol nado. A orchestra irá sublinhando polyphonicamente todas essas bellezas, ornadas por um côro de homens e mulheres, que simulam o proprio sol a dizer das suas egregias qualidades, dos seus encantos e da sua benefica influencia sobre a terra e a humanidade

Apparece *Iris*, atormentada pelo mau sonho que tivera, povoado de monstros e visões terrorizantes, entre ellas a da doença e rapto da sua querida boneca, que obriga a saudar o sol para que elle a vivifique. Mas a candida e innocente *Iris* está já sendo espreitada pelos devassos *Osaka* e *Kyoto*, que projectam raptal-a.

Iris, que tinha sido chamada pelo pae, volta á scena na companhia d'elle. O velho cego vem aquecer-se ao sol e rezar, enquanto a filha rega as flores. Chega n'essa occasião um grupo de *mousmè*, que trazem roupa para lavar no riacho. Pouco depois começam a ser ouvidos os sons de instrumentos japonezes. É uma companhia de saltimbancos, com um theatre de fantoches; traz musicos e *guéchas* dançarinas, mascaradas: uma, de *Belleza*; outra, de *Morte* e outra de *Vampiro*. *Osaka* e *Kyoto* veem disfarçados de saltimbancos. As lavadeiras, a quem *Kyoto* faz a apresentação da sua companhia, dispoem-se convenientemente para gosar o espectáculo dos fantoches. *Iris*, de dentro do seu jardim, observa tudo attentamente.

Os que teem de falar em lugar dos bonecos são: *Osaka*, que faz de *Ior*, filho do sol; uma *guécha*, que faz de *Dhia*; e *Kyoto*, que para si reservou o papel de tyranno, pae de *Dhia*.

O drama é commovente: *Dhia*, orphã de mãe, narra ao auditorio as suas desgraças; os horrores da doença e da fome são augmentados pelos maus tratos do pae.

Iris a tudo está attenta e é convidada pelas outras *mousmè* a approximar-se, porque do lugar onde está nada gosa.

Para corroborar a narrativa de *Dhia* apparece o barbaro pae, que chama preguiçosa e mandriona á filha, acabando por lhe ordenar que se prepare, porque vae vendel-a no mercado de *Simonosaky*. Sae de scena, sob as ameaças e insultos das lavadeiras, que de cada vez mais se interessam pelo espectáculo.

É azada a occasião para entrar em scena o redemptor *Ior*, que com a sua insinuante e privilegiada voz canta a *Dhia* uma serenata, em que lhe diz que morrerá beijada pelos raios solares e será amada na eternidade.

Iris, fascinada pela commovente scena, tem-se approximado lentamente e acha-se já encostada ao theatrinho. Prophetisa a *Dhia* que não morrerá, mas subirá com *Ior* aos paizes do sol e da poesia.

O boneco *Ior* apparece então, e, dardando os seus quentes raios sobre *Dhia*, dá-lhe a prometida morte, invocando em seguida as danças celestes. Entram então em scena as *guéchas* dançarinas: *Belleza*, *Morte* e *Vampiro*. A ingenua e distraida *Iris* é rapidamente envolvida nas longas vestes de *Vampiro* e alguns dos comediantes arrebatam-na, evitando que ella grite.

Está terminado o espectáculo. *Kyoto* agradece ás lavadeiras o bom acolhimento recebido e, antes de se retirar, consegue, sem ser pressentido, collocar proximo do pae de *Iris* um punhado de dinheiro e um papel.

O cego, a quem o drama fallaz não agradeu, pede a *Iris* a sua opinião e deseja que ella lhe dê o braço para o acompanhar. Inquieto pelo silencio da filha, chama-a de cada vez com mais insistencia e desespero. Aos seus gritos acodem uns mercadores que se dirigiam para a proxima cidade. Em vão clamam pela innocente *Iris*; em vão a procuram dentro de casa. É um d'elles que encontra o dinheiro e o papel em que se attribue a *Iris* a declaração de que se vae expôr no infame mercado de *Yoshiwara*.

O cego, no auge do seu desespero, promette todos os seus haveres áquelle que o guiar ao *Yoshiwara*. Todos os mercadores, condoidos do seu infortunio, o acompanham para lá.

E assim termina o 1.º acto.

O 2.º acto passa-se na luxuosa sala de habitação de Kyoto, uma das casas verdes do Yoshiwara. Occulta por um cortinado está Iris, adormecida sobre ricas tapeçarias. Osaka e Kyoto extasiam-se perante tanta belleza. Ao acordar, a innocente Iris, recordando-se da representação dos fantoches e de ter sido envolvida pelas vestes de Vampiro, julga-se morta. Aquella sala, tão ricamente adereçada, é o paraizo. Ouvindo os sons d'um *sámisen*, quer também tocar n'um d'estes instrumentos japonezes, que vê proximo, porque ouviu dizer a um bonzo que os mortos tudo sabiam. Canta a *Uta di Nániva*, mas os accordes que extrae do *sámisen* discordam da melodia. Tenta pintar, mas com egual successo. Recorda-se do velho cego e chora. E todavia no paraizo não se chora.

Osaka vem tentar mais essa conquista, que Kyoto lhe prometteu ser facil. Iris reconhece-lhe a voz e estranha-lhe as amabilidades, que de ninguem tinha ainda ouvido; ri-se do entusiasmo de Osaka, a quem trata por filho do sol. D'esta vez é Osaka quem ri e diz a Iris que o seu verdadeiro nome é «O prazer». A esta palavra a ingenua rapariga conta a Osaka a historia da donzella, devorada por um monstro marinho chamado *Prazer*, conforme n'um templo a ouvira a um bonzo. Lavada em lagrimas, despreza todas as joias, as luxuosas vestes, as grandezas que Osaka lhe offerece, porque só deseja a sua casinha, o seu jardim, as suas flores. O seductor, em face de tanta resistencia, sae aborrecido.

Mas Kyoto não desanima. Trata de fazer vestir Iris convenientemente para a expôr na varanda da casa, perante a multidão que enche o Yoshiwara. A pudica donzella repugna deixar-se vestir com tão transparentes roupagens. Kyoto ameaça-a e mostra-lhe um escuro e profundo abysmo, onde a fará deitar pelo Vampiro. Para acabar de a convencer offerece-lhe o boneco Ior.

A casta e ingenua Iris fica maravilhada ao ver desenrolar deante de si os esplendores da illuminação do Yoshiwara e o revolto mar d'essa multidão de homens, cubiçosos de bellezas e d'amores. A escultural *mousmé* obtem um successo enorme. Os brados de admiração são unanimes. Osaka, desorientado e luxurioso, escala a varanda e prostrase aos pés de Iris, a quem tudo offerece para em troca receber d'ella o ceo das suas caricias.

O nome de Iris, pronunciado em altas vozes pelo libertino Osaka, attrae o velho cego, que se approxima e insulta a filha, atirando-lhe ao rosto com a lama da rua. Iris,

n'um impulso de desespero, precipita-se no abysmo que Kyoto lhe tinha mostrado.

O 3.º acto é um epilogo symbolico. A scena representa o monturo onde os noctivagos trapeiros andam a basculhar. Para ali está o corpo da virgem, cujas vestes os trapeiros disputam entre si.

Iris, agonisante, ainda pode formular ao mundo, ao destino ou á divindade, a vaga pergunta: — *Perchè?*

Ouve então as vozes do egoismo, que, sem uma palavra de saudade, pela bocca de Osaka lhe vem dizer: «como a flor, morreste pelo aroma; vou levar mais longe os meus risos e os meus cantos». Kyoto tem para Iris este responso: «fui o teu algoz; tu, foste victima da tua belleza. É assim a vida.» Por ultimo a voz do cego gemepor sua vez: «Quem guiará os meus passos?».

A escura noite succede o dia, o sol. É elle que, com os seus vivificantes raios, transforma o monturo do abysmo n'um campo de flores, e para a *mousmé*, da qual vem receber a alma, tem palavras d'amor. As flores pertence o assistirem á agonia d'uma flor, a Iris immortal.

Sotto a quegli abbracci e baci di fiori il piccolo corpo della morta dispore. L'anima della mousmé è fiore, luce, armonia!

Muito pouco temos a dizer a respeito da

Tosca

cujo entrecho está na memoria de todos, por ter sido representada o anno passado em D. Amelia pela celebre Sarah Bernhardt. Para o drama de Victorien Sardou, reduzido a libretto em 3 actos por Luigi Illica e Giacosa, escreveu a musica Giacomo Puccini, o laureado compositor da *Manon Lescaut* e da *Bohème*.

O primeiro acto passa-se na nave da igreja de Sant'André della Valle, para onde entra Cesar Angelotti, ex-consul da republica romana, que vem fugido do castello Sant'Angelo, e tenta esconder-se na capella Attavanti, da qual procura a chave no altar da Madonna, onde foi deixada por sua irmã a marquezia Attavanti. Segue-se o encontro do fugitivo com Mario Cavaradossi, que está pintando um retrato da Magdalena; a chegada da celebre cantora Floria Tosca, amante do pintor; as scenas d'amor e ciume, porque Tosca, na pintura da tella reconhece as feições da irmã de Angelotti.

Cavaradossi coadjuva o ex-consul na fuga e indica-lhe, para um caso urgente, o esconderijo do poço na sua casa de campo. Mas no castello de Sant'Angelo deram pela evasão de Angelotti e o chefe supremo da policia, barão Scarpia, acompanhado pelos seus

agentes, vem procural'o á egreja e particularmente á capella Attavanti, onde Angelotti, na sua precipitação em levar comsigo umas vestes de mulher que a irmã lá tinha posto de prevenção, deixou ainda um leque com o anagramma d'ella e a cesta com comida e vinho, que o pintor lhe tinha fornecido.

O acto acaba pelo *Te Deum* em louvor da derrota de Bonaparte e pela scena entre Tosca e Scarpia, que estimula o ciume da cantora, afirmando que o leque da marquezia fôra encontrado sobre o estrado do pintor, junto do quadro da Magdalena. Scarpia, convencido de que Mario Cavaradossi auxiliou a fuga de Angelotti e conhece o seu esconderijo, faz espionar Tosca, que naturalmente irá ao encontro do amante.

A scena do segundo acto representa a sala de jantar de Scarpia, no palacio Farnese, onde no andar nobre a rainha de Napoles, Maria Carolina, dá um baile e concerto em honra de Melas, vencedor de Bonaparte. É ali, nos aposentos do chefe supremo da policia, ao som das musicas do baile e do concerto, que Mario Cavaradossi é submettido ao interrogatorio e á tortura, e que Scarpia consegue arrancar a Tosca o segredo do esconderijo de Angelotti.

O acto termina pela scena em que Scarpia tenta seduzir Tosca e esta o assassina, convencida de que o fusilamento do seu Mario será simulado e que está de posse d'um salvo-conducto que lhe permitta fugir em companhia do amante.

No 3.º acto, a explanada do castello de Sant'Angelo, temos o inesperado apparecimento de Tosca, que descreve ao amante o assassinato de Scarpia; os amorosos transportes dos dois, devaneando um futuro feliz; o fusilamento real de Mario; o desespero e o suicidio de Tosca.

(Continua)

ESTEVES LISBOA.

NOTICIARIO

Do estrangeiro

O theatro *Novedades* de Barcellona encerrou a estação de outomno com a opera nacional *Euda d'Uriach*, poema de Angelo Guimerá, musica de André Vives; agradou muito esta opera, que preencheu o ultimo periodo da época dando sete recitas consecutivas no meio do mais patriótico enthusiasmo.

✱

As representações de 1901 em Bayreuth terão logar da seguinte forma: 22 de julho,

«Navio Phantasma»; 23, «Parsifal»; 25 a 28, tetralogia do «Annel de Nibelung»; 31 Parsifal». Durante o mez de agosto representase-ha o «Navio Phantasma» em 1, 4, 12 e 19; o «Parsifal» em 5, 7, 8 e 11; o «Annel de Nibelung» de 14 a 17. A distribuição dos bilhetes começará no 1.º de março, mas desde já se admite a inscripção de pretendentes, que ordinariamente excedem o numero de logares.

✱

A «Sociedade musical Franz Liszt», de Budapest, abriu concurso para a composição de uma opera nacional inedita, sobre assumpto tirado da historia patria; o premio é de 4:000 coroas ou seja 4:200 francos.

✱

A Academia de Bellas Artes em França conferiu o premio Pinette, no valor de 3:000 francos, para ser dividido em partes eguaes por Gabriel Fauré pelo seu drama lyrico *Prométhée* e por Gustave Charpentier pelo seu romance musical *Louise*.

✱

Nos concertos Colonne executou-se ultimamente uma nova composição de Saint-Saens, *La Nuit*, pequeno poema de G. Audigier, para soprano a solo, coro feminino e orchestra. A obra do fecundo mestre francez, dedicada a Edouard Colonne, agradou muito, sendo notada tanto pelo trabalho da orchestra e dos coros, como pelo encanto da inspiração.

✱

No Conservatorio de Paris foi o logar do fallecido violoncellista Delsart preenchido por Cros-Saint Ange, e M. Turban substituiu M. Rose como professor de clarinete.

✱

Uma sociedade que o anno passado se constituiu em Munich para publicar as obras notaveis dos antigos compositores bavaros, obteve agora das camaras um subsidio que lhe permite proseguir desafogadamente na sua patriotica empresa; já publicou o primeiro volume, contendo as obras de Evaristo Felix Abaco, que nasceu em Verona em 1662 mas passou quasi toda a sua vida artistica na Baviera, desempenhando as funções de mestre da capella do eieitor Maximiano Manuel da Baviera.

Na Allemanha tambem o governo subvenciona a publicação de obras antigas dos mestres allemães, emprehendida ha tempo pela casa Breitkopf e Hartel; o volume recentemente publicado contém as obras de Franz Tunder, organista em Lubec, de 1641 a 1667.

Mais antigo é o subsidio que o governo austriaco concede para o mesmo fim á casa Artaria que já publicou o setimo volume da sua collecção, o qual contém composições diversas feitas no seculo XV por auctores nacionaes.

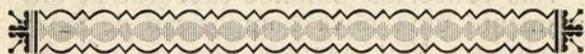
O governo francez concede dois subsidios no mesmo genero; um para a publicação da obra *Les Maîtres Musiciens de la Renaissance Française*, e outro para as obras completas de Filipe Rameau.

✱

O exemplo aberto por Diémer e seus societarios com o estudo dos instrumentos antigos, começa a encontrar imitadores; fundou-se agora em Bruxellas uma sociedade identica á de Diémer, composta de: M.^{me} Alexandre Béon, cravista e organista; M.^{me} Emma Birner, cantora; M. Van Hout, viola de amor; M. Mauricio Delfosse, viola de gamba.

✱

Jacques Thibaud obteve recentemente o brilhante exito nos concertos Colonne com o admiravel «Concerto em fa», de Lalo e a «Habenera» de Saint-Saens.



BIBLIOGRAPHIA

24 *Etudes faciles de Ch. Czerny. Edition instructive por J. Philipp.* — A enorme obra de Carlos Czerny é ainda hoje a fonte perenne onde todos os pianistas adquirem os primeiros elementos do mecanismo do piano.

Mas n'esses milhares de exercicios que o compositor viennense escreveu para desenvolver os dedos dos pianistas e que tem sido dedilhados por milhares de mãos durante cerca de oitenta annos, se ha muito ainda que aproveitar, não obstante as transformações (não digo aperfeiçoamentos) que tem soffrido a arte de tocar piano, ha tambem muito e muito que regeitar. Mesmo o aproveitavel carece do auxilio de professor que saiba escolher e commentar.

Por isso foi um bom serviço que prestou o eminente pianista francez, M. J. Philipp, fazendo entre essa obra uma selecção de vinte e quatro estudos faceis, exclusivamente applicaveis ao mecanismo elementar, cuidadosamente escolhidos e dispostos na mais progressiva ordem possivel.

As notas instructivas que acompanham essa selecção, constituem um auxilio importante para o professor, que poderá assim evitar continuas recommendações e nas que fizer se verá apoiado pela auctoridade de um mestre com universal reputação.

M. Philipp a quem se deve tantos trabalhos identicos para o estudo do piano, publicou tambem recentemente uns exercicios elementares para os cinco dedos, que serão utilissimos quando se trate de fazer adquirir boa posição e delicado ataque das teclas a quem não tenha feito bem os primeiros estudos.

NECROLOGIA

Falleceu a sr.^a D. Maria das Dores Bomtempo, viuva do insigne pianista e compositor João Domingos Bomtempo.

Tinha casado em outubro de 1836, contando 22 annos de idade, e enviuvou seis annos depois, visto que Domingos Bomtempo falleceu em 18 de agosto de 1842.

Contava a respeitavel senhora 86 annos de idade, e era filha de um musico da Real Camara, João de Almeida.

A seu filho, o ex.^{mo} sr. Fernando Bomtempo, enviamos os nossos sinceros peza-mes.

✱

Falleceu em Londres um dos mais considerados compositores inglezes da actualidade, sir Arthur Sullivan.

A sua reputação firmou-se principalmente nas operettas que escreveu para o Savoy theater, as quaes tiveram enorme exito; escreveu tambem muitas obras sacras, que o collocaram a par dos bons compositores de musica religiosa.

Antigo moço do coro na Capella Real de Saint James, compoz em 1872 a sua primeira obra, *In Memoriam*, e um *Te-Deum* pelas melhoras do principe de Galles.

As suas principaes operettas são: *Box and Cox*; *Le contrebandier*; *Yeomen of the Guard H. M. S.*; *Pinafore*; e o *Mikado* que se tem representado em quasi todas as scenas da Europa.

Por ordem expressa da rainha Victoria, o cadaver de Arthur Sullivan foi deposto na crypta da cathedral de Londres, ao lado dos tumulos William Boyce e Mauricio Green, afamados musicos do seculo XVIII.

✱

Falleceu o antigo professor de piano, Daniel de Sousa Amado, que durante muitos annos leccionou em diversos collegios, sendo muito estimado e considerado pela sua honestidade e bondoso character.

Já desde bastante tempo que vivia retirado, disfructando o descanso que um longo trabalho merecera.